



CONFLITOS INTERNACIONAIS

Irã e EUA ampliam ataques no Golfo

Em resposta à ofensiva norte-americana contra cinco petroleiros, Teerã dispara mísseis em direção a base na Jordânia e bombardeia 20 embarcações. Trump assegura que operações militares terminarão logo depois das eleições legislativas

» RODRIGO CRAVEIRO

Depois de negociações diplomáticas que terminaram em fracasso, a guerra no Oriente Médio se intensificou nas últimas horas. Em retaliação ao bombardeio de cinco petroleiros iranianos, a Guarda Revolucionária do Irã anunciou um ataque contra uma base dos Estados Unidos na Jordânia, além de disparos contra cerca de 20 navios no Golfo Pérsico. O recrudescimento do conflito entre Teerã e Washington teve efeito imediato nos mercados internacionais: o barril do petróleo tipo Brent do Mar do Norte disparou e passou de US\$ 100.

O presidente dos EUA sinalizou que as ações militares deverão se estender por pelo menos 56 dias. “Acredito que a guerra terminará imediatamente após as eleições (legislativas), pois o Irã não consegue resistir mais”, declarou Donald Trump a jornalistas. A votação de 3 de novembro pode determinar a perda do controle do Partido Republicano sobre o Senado e a Câmara dos Representantes dos EUA.

“Foram atacadas as instalações de manutenção e reparo, áreas de preparação e locais dos caças F-35, F-16 e F-15, infligindo danos graves ao inimigo”, afirmou a Guarda Revolucionária, em comunicado divulgado pela agência estatal de notícias IRNA. Segundo a agência de notícias France-Presse, o Exército jordaniano derubou 18 dos 20 mísseis iranianos disparados contra o seu território — os outros dois teriam atingido “áreas desabitadas”.

O ataque de Teerã não teria ficado restrito à Jordânia. A Guarda Revolucionária, o exército ideológico do regime teocrático islâmico, enviou um recado a Trump e, horas depois, o Irã bombardeou 20 embarcações que tentavam uma travessia do

Estreito de Ormuz: dois navios americanos, oito petroleiros e outros 10 barcos.

Regionalização

Gunther Rudzit — professor de relações internacionais da ESPM — explicou ao **Correio** que o recrudescimento da guerra mostra que o conflito está cada vez mais regionalizado, envolvendo o Estreito de Ormuz, o Golfo Pérsico e outros atores da região. “Para Trump, o problema é transformar superioridade militar em resultado político: quanto mais a guerra se prolonga, maiores os custos econômicos e o risco de ele ficar preso a um conflito que consegue escalar, mas não consegue encerrar”, avaliou. Ainda segundo Rudzit, a declaração de Trump sobre o fim do conflito depois de 3 de novembro mostra que a guerra está totalmente incorporada à disputa eleitoral americana. “Trump procura atribuir ao Irã a responsabilidade pelo prolongamento do conflito e pelos seus efeitos sobre o petróleo e o custo de vida. Mas a fala também cria uma contradição: se a guerra pode terminar imediatamente depois das eleições, a pergunta inevitável é: ‘por que ela não poderia terminar antes?’”

Para Monique Sochaczewski, professora do Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa (IDP), a resposta iraniana a uma guerra deflagrada pelos Estados Unidos e por Israel foi adotar a linguagem de Trump — econômica —, com ataques ao Estreito de Ormuz e aos países árabes do Golfo Pérsico. Ela admitiu a existência de muita desinformação, ao advertir que não se sabe quantas nações da região foram atingidas de fato. “Trump é o responsável por essa guerra e está cada vez mais sem munição, sem interceptadores. Ele passa uma mensagem ao mundo, e em particular

Fadel Senna/AFP



Participantes de fórum em Abu Dhabi, nos Emirados Árabes Unidos, assistem a apresentação sobre o Estreito de Ormuz

para a China, de que as Forças Armadas dos Estados Unidos, apesar de impressionantes, estão sem estratégia e sem liderança, gastando interceptadores, munição e armamentos”, disse ao **Correio**, ao lembrar que esse material poderia ser útil em um cenário de invasão chinesa a Taiwan, por exemplo. “O Acordo de Meca, iniciativa de Turquia, Paquistão e Arábia Saudita, é um sinal

claro de que, em função do desdobramento da guerra, aliados históricos da Casa Branca não se sentem mais protegidos.”

Sochaczewski acrescentou que Trump está em uma situação muito delicada. “A guerra traz um custo econômico e de imagem. Mesmo entre aliados, é vista como uma guerra de escolha, como uma opção de Trump de ter se deixado levar por

argumentos questionáveis de Israel. O conflito evidencia que será caro para Trump, em termos da política doméstica. Outro ponto tem a ver com Israel, que passará por eleições em 27 de outubro. O premiê Benjamin Netanyahu precisa de guerras, pois, assim, desvia a atenção do atoleiro do 7 de outubro”, avaliou, ao citar o massacre perpetrado pelo movimento islâmico Hamas.

Federik Ringnes/NTB/AFP



O presidente Volodymyr Zelensky e a esposa, Olena Zelenska, desembarcam em Oslo

AMÉRICA LATINA

Rubio declara guerra a cartel no Equador

Na segunda escala de sua viagem pela América do Sul o secretário de Estado norte-americano, Marco Rubio, anunciou um pacote de US\$ 55 milhões para ajudar o país a combater o narcotráfico e a mineração ilegal. Falando à imprensa em Quito, o emissário de Donald Trump formalizou a classificação da quadrilha Los Tiguerones como “organização terrorista internacional” — a exemplo do que foi feito, recentemente, com facções criminosas do Brasil. O enquadramento dá bases legais para ações militares dos EUA contra o grupo inclusive em território equatoriano, iniciativa que já conta com o apoio do presidente Daniel Noboa, embora não dependesse disso.

“Não estamos falando de uma máfia normal, não estamos falando de criminosos, estamos falando de terroristas que realmente em muitos casos têm armas e equipamento que se parecem aos de um exército nacional”, disse Rubio, ao lado do chanceler equatoriano. A quadrilha Los Tiguerones é uma das principais envolvidas na guerra entre

grupos criminosos no Equador, que se tornou o país mais violento da região, com uma taxa de homicídios de 51 por 100 mil habitantes em 2025, o equivalente a um por hora.

Desde 2025, o Departamento de Estado também designou como organizações terroristas os grupos criminosos equatorianos Los Choneros, Los Lobos e Chone Killers. São facções aliadas a máfias de diversos países, como Albânia e México. Estima-se que 70% da cocaína produzida na Colômbia e no Peru passem pelo Equador, atualmente, no caminho para suprir os mercados consumidores dos EUA da Europa e da Ásia.

O secretário de Estado visita a capital equatoriana pela segunda vez desde que assumiu o cargo, como parte de uma viagem regional que incluiu uma escala inicial na Colômbia, na véspera, e terminará no Peru. Os três países fazem parte das recentes vitórias eleitorais de candidatos da direita trumpista — os dois últimos, no segundo semestre de 2026. “Não temos melhor aliado na região, em termos

de enfrentar o que é a ameaça criminosa transnacional”, disse Rubio após encontro a portas fechadas com Noboa.

Além da verba anunciada por Rubio, Washington vai ceder um navio da Guarda Costeira para a vigilância marítima e concluirá a entrega de 12 embarcações interceptadoras de lanchas do narcotráfico. A visita do secretário coincide com o momento em que os dois países realizam operações militares conjuntas, no Pacífico, contra navios pesqueiros carregados com combustível, supostamente a serviço de narcotraficantes. Até ontem, tinham sido afundadas seis embarcações em duas semanas, a última delas na terça-feira, em meio a denúncias de violações dos direitos humanos.

Ameaça velada

Na entrevista coletiva, Rubio criticou sem rodeios a política do governo esquerdista do México contra os cartéis das drogas. Afirmou que a orientação adotada

alerta na Moldávia, quando um drone russo entrou no espaço aéreo da Moldávia e da Romênia”, explicou, sob condição de anonimato. Olexiy Haran, professor de política comparada da Universidade Kyiv-Mohyla (em Kiev), disse ao **Correio** não saber de onde o premiê Jonas Gahr Store retirou a informação sobre a suposta tentativa de assassinato. “Não sabemos se foi um drone ou um ataque deliberado. Sabemos que houve tentativas anteriores de matar Zelensky no início da guerra”, afirmou.

Ao ser questionado sobre o impacto para a Ucrânia de uma eventual morte de Zelensky, Haran reconheceu que “isso complicaria muito as coisas”. No entanto, destacou que o presidente ucraniano está longe de ser uma unanimidade. “Os ucranianos estão lutando não por causa de Zelensky.

Na verdade, Zelensky está lutando porque conta com o apoio dos ucranianos.”

Acordo

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, afirmou que o homólogo russo, Vladimir Putin, quer chegar a um acordo para pôr fim à guerra contra a Ucrânia. “Putin quer chegar a um acordo e, se Zelensky quiser chegar a um acordo, isso seria muito bom”, disse Trump a jornalistas. “Eu entendo de acordos, e essas são duas pessoas que estão cansadas de lutar.” As declarações foram feitas um dia depois de o Kremlin informar que Putin e titular da Casa Branca conversaram por uma hora sobre conflito na Ucrânia, por telefone. (RC)

Rodrigo Buendia/AFP



O secretário de Estado dos EUA (E) com o chanceler equatoriano, Roberto Kury

pela presidente Claudia Sheinbaum “não é “nem de longe, suficiente”, e advertiu que os EUA “enfrentarão esses grupos de uma forma ou de outra”, uma ameaça velada de intervenção militar unilateral. “Há vastos territórios, no México, que não estão sob o controle do Estado”, afirmou.

Na terça-feira, o secretário de Estado reuniu-se em Barranquilla com o presidente da Colômbia, Abelardo de la Espreiella. Hoje, Rubio fará, em Lima, a última escala deste giro regional para se reunir com a presidente peruana, Keiko Fujimori, outra aliada recém-empossada.